

Para saber mais

LEITURAS

- ALMEIDA, Marta de. São Paulo na Virada do Século XX; um laboratório de saúde pública para o Brasil. Tempo. Rio de Janeiro/Niterói: UFF, julho de 2005. Número 19.
http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg19-6.pdf
- BENCHIMOL, Jaime Larry (Coord.). *Febre amarela: a doença e a vacina, uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Bio-Manguinho; Ed. Fiocruz, 2001.
- CASTRO-SANTOS, Luiz Antonio de. O pensamento sanitaria na Primeira República: uma ideologia de construção da nacionalidade. Dados, v. 28, n. 2, p. 193-210, 1985.
http://www.ims.uerj.br/downloads/o_pensamento_sanitaria_no_Brasil.pdf
- KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas e os debates e controvérsias sobre a doença do Brasil (1909-1923). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento, 2009.
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/10.pdf>
- LIMA, Nísia Trindade. Um sertão chamado Brasil. Rio de Janeiro: Revan; Iuperj, 1998.
- ____ e HOCHMAN, Gilberto. Condenado pela Raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitaria da Primeira República. In: MAIO, Marcos Chor e SANTOS, Ricardo V. (Org.). in *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.
- SÁ, Dominichi M. de. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o ‘imenso hospital’.

- In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento 1, 2009.
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/16.pdf>
- ____. Uma interpretação do Brasil como doença e rotina: a repercussão do relatório médico de Arthur Neiva e Belisário Penna (1917-1935). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 16, suplemento 1, p. 183-203, 2009.
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v16s1/09.pdf>
- TEIXEIRA, Luiz Antonio e ALMEIDA, Marta de. Os Primórdios da Vacina antivariólica em São Paulo: uma história pouco conhecida. In *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro: COC/Fiocruz, 2003. vol. 10, suplemento.
<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10s2/a03v10s2.pdf>

FILMES

- Política de Saúde no Brasil: um século de luta pelo direito à saúde.** Documentário do cineasta Renato Tapajós, lançado pelo Ministério da Saúde em 2006.
<http://video.google.com/videoplay?docid=5787222578615549628#>
- Macunaíma.** Direção Joaquim Pedro de Andrade. Brasil, 1969, 108 min. Macunaíma é um herói preguiçoso e sem nenhum caráter. Depois de adulto deixou o sertão em companhia dos irmãos e foram todos viver várias histórias na cidade, numa grande aventura urbana, para depois retornarem à

selva. Um compêndio das tradições e da alma do brasileiro, a partir do clássico romance de Mário de Andrade.

Fogo Morto. Direção Marcos Faria. Brasil, 1976, 88 min. Colono expulso de suas terras pede ajuda de cangaceiros para reaver o que é seu. Baseado no romance de José Lins do Rego, aborda o problema do coronelismo e das lutas entre a polícia e o cangaço na região dos engenhos da Paraíba em 1910.

Jeca Tatu. Direção Milton Amaral. Brasil, 1960, 95 min. Jeca Tatu é um roceiro muito preguiçoso, porém, ao se deparar com a possibilidade de perder o seu rancho para os ferozes latifundiários da região, Jeca começa a se movimentar. Um clássico da filmografia de Mazaropi a partir do personagem criado por Monteiro Lobato.

MÚSICA, POESIA E LITERATURA

Coração – Samba anatômico. Noel Rosa, 1931.

*Coração
Grande órgão propulsor
Transformador do sangue venoso em arterial
Coração
Não és sentimental
Mas entretanto dizem
Que és o cofre da paixão
Coração
Não estás do lado esquerdo
Nem tampouco do direito
Ficas no centro do peito - eis a verdade!
Tu és pro bem-estar do nosso sangue
O que a casa de correção
É para o bem da humanidade
Coração
De sambista brasileiro
Quando bate no pulmão*

*Lembra a batida do pandeiro
Eu afirmo
Sem nenhuma pretensão
Que a paixão faz dor no crânio
Mas não ataca o coração Conheci
Um sujeito convencido
Com mania de grandeza
E instinto de nobreza
Que, por saber
Que o sangue azul é nobre
Gastou todo o seu cobre
Sem pensar no seu futuro
Não achando
Quem lhe arrancasse as veias
Onde corre o sangue impuro
Viajou a procurar
De norte a sul
Alguém que conseguisse
Encher-lhe as veias
Com azul de metileno
Pra ficar com sangue azul*

Bailado Sueco. Sérgio Milliet, 1927. In MILLIET, Sérgio. Poesias. Porto Alegre: Livr. Globo, 1946. p. 50. (Publicado originalmente em *Poemas Análogos*).

*Floresta a três andares
As horas da noite pouco a pouco se vão indo
e as horas brancas se aproximam
Chovem desejos retorcidos
tentações em verde escuro
Zé Pereira
... bum... bum... bum...
bum... bum... bum... bum...
Brasil carnavalesco e feiticeiro
cheio de bruxas e de negros
dançando o samba
dos sensualismos nacionais*

*“O meu boi morreu
que será de mim!!!”*

*A lua muito grande
muito vermelha
viajando incógnita pela Europa
Sangue!*

*Todo esse sangue de mil raças
corre em minhas veias
Sou brasileiro
Mas do Brasil sem colarinho
do Brasil negro
do Brasil índio*

Cendrars é um poeta brasileiro!

LOBATO, Monteiro. Urupês. 9ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

(...) O indianismo está de novo a deitar copa, de nome mudado. Crismou-se de “cabocismo”. O cocar de penas de arara passou a chapéu de palha rebatido à testa; o cocar virou rancho de sapé: o tacape afilou, criou gatilho, deitou ouvido e é hoje espingarda troxada; o boré descaiu lamentavelmente para pio de inambu; a tanga ascendeu a camisa aberta ao peito.

Mas o substrato psíquico não mudou: orgulho indomável, independência, fidalguia, coragem, virilidade heróica, todo o recheio em suma, sem faltar uma azeitona, dos Peris e Ubirajaras.

(...) Hoje ainda há perigo em bulir no vespeiro: o caboclo é o “Ai Jesus!” nacional.

É de ver o orgulho entono com que respeitáveis figurões batem no peito exclamando com altivez: Sou raça de caboclo!

(...) Porque a verdade nua manda dizer que entre as raças de variado matiz, formadoras da nacionalidade e metidas entre o estrangeiro recente e o aborígine de tabuinha no beço, uma existe a vegetar de cócoras, incapaz de evolução,

impenetrável ao progresso. Feia e sorna, nada a põe de pé.

Quando Pedro I lança aos ecos o seu grito histórico e o país desperta estrovinhado à crise duma mudança de dono, o caboclo ergue-se, espia e acocora-se de novo.

Pelo 13 de Maio, mal esvoaça o florido decreto da Princesa e o negro exausto larga num uf! o cabo da enxada, o caboclo olha, coca a cabeça, magina e deixa que do velho mundo venha quem nele pegue de novo.

A 15 de Novembro, troca-se um trono vitalício pela cadeira quadrienal. O país bestifica-se ante o inopinado da mudança. O caboclo não dá pela coisa.

Vem Floriano; estouram as granadas de Custódio; Gumerindo bate às portas de Roma; Incitátus derranca o país. O caboclo continua de cócoras, a modorrar...

Nada o esperta. Nenhuma ferroteada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se.

Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie.

(...)

Para comer, negociar uma barganha, ingerir um café, tostar um cabo de foice, fazê-lo noutra posição será desastre infalível. Há de ser de cócoras.

Nos mercados, para onde leva a quitanda domingueira, é de cócoras, como um faquir do Bramaputra, que vigia os cachinhos de brejaúva ou o feixe de três palmitos.

Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!

Jeca mercador, Jeca lavrador, Jeca filósofo...

(...)

Seu grande cuidado é espremer todas as conseqüências da lei do menor esforço — e nisto vai longe.

Começa na morada. Sua casa de sapé e lama faz sorrir aos bichos que moram em toca e gargalhar ao João-de-Barro. Pura biboca de bosquímano. Móvel, nenhuma. A cama é uma espigada esteira de peri posta sobre o chão batido.

(...)

— “Não paga a pena.”

Todo o inconsciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive.

(...)

A sua medicina corre parrelhas com o civismo e a móvel — em qualidade. Quantitativamente, assombra. Da noite cerebral pirlampejam-lhe apózemas, cerotos, arrobes e eletuários escapos à sagacidade cômica de Mark Twain. Compendia-se um Chernoviz não escrito, monumento de galhofa onde não há rir, lúgubre como é o epílogo. A rede na qual dois homens levam à cova as vítimas de semelhante farmacopéia é o espetáculo mais triste da roça.

Quem aplica as mezinhas é o “curador”, um Eusébio Macário de pé no chão e cérebro trancado como moita de taquariçu. O veículo usual das drogas é sempre a pinga — meio honesto de render homenagem à deusa Cachaça, divindade que entre eles ainda não encontrou heréticos.

Doenças haja que remédios não faltam.

Para bronquite, é um porrete cuspir o doente na boca de um peixe vivo e soltá-lo: o mal se vai com o peixe água abaixo...

Para “quebranto de ossos”, já não é tão simples a medicação. Tomam-se três contas de rosário, três galhos de alecrim, três limas de bico, três iscas de palma benta, três raminhos de arruda, três ovos de pata preta (com casca; sem casca desanda) e um saquinho de picumã; mete-se tudo numa gamela d’água e banha-se naquilo o doente, fazendo-o tragar três goles da zurrapa, É infalível!

O específico da brotoeja consiste em cozimento de beijo de pote para lavagens. Ainda há aqui um pormenor de monta; é preciso que antes do banho a mãe do doente molhe na água a ponta de sua trança. As brotoejas saram como por encanto. Para dor de peito que “responde na cacunda”, cataplasma de “jasmim de cachorro” é um porrete. Além desta alopatia, para a qual contribui tudo quanto de mais repugnante e inócuo existe na natureza, há a medicação simpática, baseada na influência misteriosa de objetos, palavras e atos sobre o corpo humano.

(...)

No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás; onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida dionisíaca em escachão permanente, o caboclo é o sombrio urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas.

Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.

Só ele, no meio de tanta vida, não vive...

LOBATO, Monteiro. *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*. 9ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

(...) o erro dos nossos governos em nunca levarem em conta, para solucionar o problema do trabalho agrícola, a parte da higiene.

A política adotada nesse pormenor sempre foi irmã da política financeira – tomar empréstimos de músculos europeus.

Faltou-nos o estadista de visão bastante lúcida para apreender este outro modo de obter braços: a restauração pelo saneamento dos milhões que temos em casa, incapacidade para o trabalho por força de males curáveis e evitáveis.

(...) *É mister, curando-o, valorizar o homem da terra, largado até aqui no mais criminoso abandono. Curá-lo é recriar riqueza.*

É estabelecer os verdadeiros alicerces da nossa restauração econômica e financeira.

(...)

A nossa gente rural possui ótimas qualidades de resistência e adaptação. É boa por índole, meiga e dócil. O pobre caipira é positivamente um homem como o italiano, o português, o espanhol.

Mas é um homem em estado latente.

Possui dentro de si grande riqueza em forças.

Mas força em estado de possibilidade.

E é assim porque está amarrado pela ignorância e falta de assistência as terríveis endemias que lhe depauperam o sangue, catequizam o corpo e atrofiam o espírito.

O caipira não “é” assim. “Está” assim.

Curado, recuperará o lugar a que faz jus no concerto etnológico.

(...)

Mostra como em brevíssimos anos se opera nele uma verdadeira ressurreição física e mental, se lhe acudimos com o remédio inteligente, e mostra ainda como a riqueza surge, larga e farta, quando a boa organização o toma sob o seu palio.

Ora, num momento destes, em que a chacina européia destrói aquele excedente de população donde nos vinha o caudal de braços, é condição de vida para o país atender ao apelo da lavoura, fornecendo-lhe em vez dos chins propostos, trabalhadores nacionais restaurados nas suas energias pela cura e pela higiene.

(...)

Com dois contos reduzidos a assistência profilática ou a medicamentos, quantos caboclos assolados pela ancilostomose ou pela maleita não reverterão à atividade?

LIMA BARRETO, Afonso Henrique de. Problema Vital, 1923. In Bagatelas. São Paulo. Brasiliense, 1956.

(...) *trabalhos de jovens médicos como os doutores Artur Neiva, Carlos Chagas, Belisário Pena e outros, vieram demonstrar que a população roceira do nosso país era vítima desde muito de várias moléstias que a alquebravam fisicamente. Todas elas têm uns nomes rebarbativos que me custam muito a escrever; mas Monteiro Lobato os sabe de cor e salteado e, como ele, hoje muita gente. Conheci-as, as moléstias, pelos seus nomes vulgares; papeira, opilação, febres e o mais difícil que tinha na memória era – bôcio. Isto, porém, não vem ao caso e não é o importante da questão.*

Os identificadores de tais endemias julgam ser necessário um trabalho sistemático para o saneamento dessas regiões afastadas e não são só estas. Aqui, mesmo, nos arredores do Rio de Janeiro, durante a minha meninice e adolescência, na ilha do Governador, onde meu pai era administrador das colônias de Alienados. Pelo meu testemunho, julgo que o doutor Pena tem razão. Lá todos sofriam de febres e logo que fomos, para lá, creio que em 1890 ou 1891, não havia dia em que não houvesse, na nossa casa, uma cama, tremendo com a sezão e delirando de febre. A mim, foram precisas até injeções de quinino.

Por esse lado, julgo que ele e seus auxiliares não falsificaram o estado de saúde de nossas populações campestres. Têm toda a razão. O que não concordo com eles, é com o remédio que oferecem. Pelo que leio em seus trabalhos, pelo que a minha experiência pessoal pode me ensinar, me parece que há mais nisso uma questão de higiene domiciliar e de régimen alimentar.

A nossa tradicional cabana de sapê paredes de taipa é condenada e a alimentação dos roceiros é insuficiente, além do mau vestuário e do abandono do calçado.

A cabana de sapê tem origem muito profundamente no nosso tipo de propriedade agrícola – a fazenda. Nascida sob o influxo do regímen do trabalho escravo, ele se vai eternizando, sem se modificar, nas suas linhas gerais. Mesmo, em terras ultimamente desbravadas e servidas por estradas de ferro, como nessa zona Noroeste, que Monteiro Lobato deve conhecer melhor do que eu, a fazenda é a forma com que surge a propriedade territorial no Brasil. Ela passa de pais a filhos; é vendida integralmente e quase nunca, ou nunca, se divide. O interesse do seu proprietário é tê-la intacta, para não desvalorizar as suas terras. Deve ter uma parte de matas virgens, outra parte de capoeira, outra de pastagens, tantos alqueires de pés de café, casa de moradia, de colonos, currais, etc. Para isso, todos aqueles agregados ou cousa que valha, que são admitidos a habitar no latifúndio, têm uma posse precária das terras que usufruem; e, não sei se está isto nas leis, mas nos costumes está, não podem construir casa de telha, para não adquirirem nenhum direito de locação mais estável. Onde está o remédio, Monteiro Lobato? Creio que procurar meios e modos de fazer desaparecer a “fazenda”. Não acha? Pelo que li no Problema Vital, há câmaras municipais paulistas que abrigam os fazendeiros a construir casas de telhas, para os seus colonos e agregados. Será bom? Examinemos. Os proprietários de latifúndios, tendo mais despesas com os seus miseráveis trabalhadores, esfolarão mais os seus clientes, tirando-lhes ainda mais dos seus míseros salários do que tiravam antigamente. Onde tal cousa irá repercutir? Na alimentação, no vestuário. Estamos, portanto, na mesma. Em suma, para não alongar. O problema, conquanto não se possa desprezar a parte médica propriamente dita, é de natureza econômica e social. Precisamos combater o regímen capitalista na agricultura, dividir a propriedade agrícola, dar a propriedade da

terra ao que efetivamente cava a terra e planta e não ao doutor vagabundo parasita, que vive na “Casa Grande” ou no Rio ou em São Paulo. Já em tempo de fazermos isto e é isto que eu chamaria o “Problema Vital”.

SITES

Dicionário Histórico Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil:

<http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/P/>

Portal da Casa de Oswaldo Cruz:

<http://www.coc.fiocruz.br/>

DE OLHO NO CONTEÚDO

1) Durante as três primeiras décadas do século XX, o discurso e a ação sanitaria marcaram os debates sobre a saúde e a construção da nação brasileira, inscrita na ordem republicana. O discurso médico, o discurso científico e o discurso literário unem-se no combate à teoria racista que apontava o aprimoramento racial, através dos determinantes biológicos, como saída para o atraso econômico e social do Brasil. O discurso sanitaria procurou pôr fim a essa concepção ao incorporar a realidade de um país doente nas novas reflexões sobre a sociedade, apresentando também a completa ausência do poder público frente às questões da saúde. Após ler o capítulo, faça uma reflexão sobre o tema.

DE OLHO NAS IMAGENS

Nas imagens vemos a atuação médico-sanitária traduzida pelo Campanhismo. Construir a nação significava transformá-la em um Brasil saudável e, para isso, era necessário redescobri-lo,

integrá-lo, curá-lo, dando fim às ideias de determinismo racial. Os médicos campanhistas foram um bom exemplo da prática sanitária da época, integrada à nova ideia de construção da nação. Observe a imagem e aponte algumas características desse novo momento.

Monteiro Lobato imortalizou na figura de Jeca Tatu o abandono pelo Estado das populações do interior do Brasil, relegadas à ausência de condições dignas de saúde e educação. Suas mazelas eram as mazelas de um Brasil doente. Porém, esse mesmo Jeca-Tatu, segundo o pensamento dos intelectuais da época, poderia obter a “redenção”. Examine as imagens e construa uma análise sobre esta possibilidade de transformação.



